

Volta dos moradores à invasão foi melancólica

A volta para casa dos moradores da invasão da Estrutural foi melancólica.

Passava das 15h quando cinco ônibus lotados começaram a despejar gente como formiguinhas na pista de asfalto em frente à invasão.

Gente de todas as idades caminhava quase que em fila indiana, entre tufo de mato seco, em direção aos barracos. A maioria de cabeça baixa.

“E agora? Pra onde vou com meus filhos?”, perguntava Gelineuza Bezerra, 27 anos, dois filhos, mãe solteira, sem segurar as lágrimas.

“Como vou dar a notícia em casa”, repetia Sebastião Carlos, 26, solteiro, que cuida da mãe idosa e de dois sobrinhos.

“Você acha que Cristovam vai tirar a gente daqui na marra? Ele não pode chegar aqui e sair derrubando tudo com um trator, tem muita gente fraca, passando fome”, pergunta.

O sol quente, a poeira alta e vermelha, o clima seco incitou os ânimos. Manuel Vieira, 47 anos — sete de *Lixão* —, estava nervoso.

Ameaça — “Se ele (o governador) pensa que vai tirar a gente daqui, não vai não, vai é correr muito sangue”, ameaça.

“A gente sai e o governador vende isso aqui para os empresários a preço de banana, não aceitamos outros lotes”, afirma.

“A luta continua”, “Vamos res-

sistir”, uns poucos ensaiaram palavras de ordem. Outros preferiram xingar o governador.

A líder dos moradores da Estrutural, Marlene Jesus, disse que ainda estava “anestesiada e surpresa”. Vai esperar que o governador se manifeste.

Ela garantiu que os moradores da Estrutural não vão agir com violência, “exceto se o governo chegar aqui com truculência.”

Escola — Em Taguatinga, se a manutenção do veto à criação da Cidade Estrutural dependesse dos alunos de 5ª a 8ª séries do colégio Marista de Taguatinga, a votação não teria sido tão apertada como a da Câmara.

Num plebiscito promovido ontem de manhã pela professora de História Fabíola Magalhães, 608 crianças com idades entre 11 e 16 anos votaram contra a criação da cidade, 193 se manifestaram a favor, 83 votaram nulo e cinco em branco.

“A idéia de organizar a votação surgiu na semana passada durante uma aula de cultura romana na 7ª D em que falávamos da política do pão e do circo”, conta a professora.

Segundo ela, os próprios alunos passaram a comparar os fatos históricos com a realidade atual.

Participaram da cobertura Ana Cristina Gonçalves, Anamaria Rossi, Fátima Xavier, Ricardo Mendes e Rosana Tonetti



Moradoras da invasão choram a derrota do projeto que transformaria a Estrutural em uma nova cidade

FIDELIDADE

Prova de fogo no caminhão de som

Para desmascarar os dois *judas*, os deputados aliados pela derrubada do veto subiram no carro de som, do lado de fora da Câmara, e declararam seus votos. Quem faltasse entre os 13 seria o traidor.

Benício Tavares (PP) não pôde subir por causa da cadeira de rodas, mas ficou próximo mostrando que era aliado.

Subiram Luiz Estevão, José Edmar, Daniel Marques, Odilon Aires, Edmar Pirineus, João de Deus, Jorge Cauhy, Marcos Arruda, Tadeu Filippelli, Manoel Andrade e Adão Xavier.

Faltava Renato Rainha para completar os 13 votos. Ele não apareceu e foi considerado pelos deputados e invasores da Estrutural como o primeiro *juda*.

“Eu não sou *juda*. Não trairia o meu amigo José Edmar”, garantiu João de Deus (PDT).

“Para mim, foi João de Deus. Ele foi pressionado pelo governo”, acusou um deputado do PP.

Adão Xavier defendeu-se: “Não tenho motivos para mudar meu voto”. Mas, ao descer do carro de som, foi chamado de traidor pelos manifestantes.